

# A NARRATIVA CLÁSSICA E A TRANSPOSIÇÃO LITERÁRIA

Adriana Pastorello Buim Arena<sup>1</sup>

## Introdução

A adaptação, uma das formas de transposição literária, é o processo de transpor uma obra escrita em um determinado gênero para outro, dentro de um mesmo campo semiótico, por exemplo, a linguagem, ou de um campo a outro, como da linguagem verbal para a verbo-visual, como as histórias em quadrinhos. Este artigo tem como objetivo analisar as semelhanças e as diferenças percebidas por uma criança sobre a ilustração do personagem professor entre a versão narrativa de um conto de Machado de Assis, *Conto de Escola*, publicado pela Cosac Naify em 2002, com ilustrações de Nelson Cruz, e o mesmo conto adaptado para quadrinhos por Laerte Silvino, em publicação pela editora Peirópolis na série *Clássicos em HQ*, em 2011.

Para aproximar o jovem leitor aos cânones da literatura, os editores promovem adaptações de edições anteriores ou parte delas. Cada editora elege uma obra fonte (obra de partida) com o objetivo de construir uma nova (obra de chegada). A editora Cosac Naify utilizou como fonte o livro *Contos: uma antologia, Volume II*, introdução e notas de John Gledson, publicado pela Companhia das Letras em 1998. A editora Peirópolis usou a obra *Várias Histórias*, de 1896, mas não anuncia o nome da editora que lançou a obra para o público brasileiro. Neste segundo trabalho de transposição, o texto apresentado em quadrinhos permaneceu integral, fato que motivou este estudo investigativo. Além da pesquisa documental, também serão analisados dados de duas entrevistas realizadas com um menino de onze anos, para quem foram apresentados os dois livros, com intervalo de um dia entre a leitura de uma obra e outra. A primeira a ser lida apresenta o texto narrativo e algumas ilustrações e, em seguida, a primeira entrevista foi realizada. Após a segunda leitura, a do texto transformado em quadrinhos, foi feita a entrevista final.

Ao percorrer os escritos críticos e os teóricos que tratam do fenômeno da transposição ou da adaptação de obras literárias, pode-se perceber que o tema não é novo, entretanto a produção acadêmica brasileira sobre os impactos da leitura das adaptações dos clássicos para crianças ainda é tímida.

Textos do século XIX trazem dificuldades ao público infantil do século XXI, mas o recurso de imagens pode ajudar o leitor a dialogar com eles. Esta hipótese será confirmada, quando os dados das entrevistas forem neste artigo analisados.

## Efeitos do livro ilustrado e dos quadrinhos no jovem leitor



Figura 01: Arte COLE. Arquivo pessoal ou referência.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, MG, Brasil. E-mail: [dricapastorello@gmail.com](mailto:dricapastorello@gmail.com).

Como já apontado anteriormente, a obra de partida é sempre aquela escolhida pelo escritor, ilustrador ou quadrinista para dela produzir outra em suporte diferente. No caso analisado - *Conto de escola* - não há coincidência entre a obra de partida e a obra original, pois a primeira publicação do referido conto foi em um jornal, o *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro. Posteriormente, o próprio autor Machado de Assis reuniu dezesseis de suas histórias publicadas pelo mesmo jornal no período entre 1884 e 1891 para lançar a coletânea *Várias Histórias* em 1896. Dessa forma, o conto escolhido como obra de partida está no formato narrativo e não possui ilustrações.

Considerar-se-á « ilustração como toda imagem que acompanha um texto. Pode ser um desenho, uma pintura, uma fotografia, um gráfico, etc. » (CAMARGO, 1995, p. 16). Há outras definições possíveis para a palavra *ilustração* quando se a estuda em diversos contextos históricos em que foi inserida, mas devido ao curto espaço deste artigo optou-se por não alongar a discussão que mereceria um artigo exclusivo para este tema.

Em entrevista, o quadrinista Silvino ressaltou a possibilidade de utilizar o texto integral na transposição literária devido à forma como Machado de Assis construiu a narrativa.

Pelo tamanho do conto, foi possível usar a obra de maneira integral – o que isso significa para você enquanto quadrinista?

Quando enviei o primeiro projeto, umas cinco páginas do que seria o livro, propus para a editora usarmos o texto integral. Não havia necessidade de adaptar, o texto estava totalmente pronto e não ousaria pôr palavras na boca de Machado. A editora achou ótimo, pois dessa forma as crianças estariam lendo tudo, e não um resumo do que era o conto, e, assim, o acompanhamento dentro da sala de aula seria mais proveitoso; os quadrinhos serviriam como um mero condutor das palavras do autor. (BORGES, 2013, p. 108)

Os quadrinhos, de fato, serviram para conduzir as palavras do autor; não há no trabalho nenhuma adaptação quanto ao texto. No que se refere à narratividade, apenas há cortes nos períodos. Existem balões apenas para as poucas falas existentes no conto. Os demais quadrinhos apresentam o quadro de narração associado à ilustração. Na narrativa ilustrada há mais fluidez no ritmo da narratividade, porque o leitor lê uma parte maior do conto para comparar com a ilustração que acompanha o texto. Nos quadrinhos, essa fluidez de leitura é quebrada pelo processo de enquadramento. Lê-se pouco, e observa-se para cada porção de texto uma nova ilustração. O jogo entre texto verbal e texto visual é mais presente nos quadrinhos e a ilustração revela exatamente o que o diz texto. Segundo Camargo (2016, s/p),

Se entendemos que a ilustração é uma imagem que acompanha um texto, então, é preciso reconhecer que a ilustração não tem função isoladamente, mas só em relação a um texto. Não estou me referindo, aqui, ao livro de imagem (sem texto), mas ao livro ilustrado. A relação entre ilustração e texto pode ser denominada coerência intersemiótica, denominação essa que toma de empréstimo e amplia o conceito de coerência textual. Pode-se entender a coerência intersemiótica como a relação de coerência, quer dizer, de convergência ou não-contradição entre os significados denotativos e conotativos da ilustração e do texto. Como essa convergência só ocorre nos casos ideais, pode-se falar em três graus de coerência: a convergência, o desvio e a contradição. Avaliar, portanto, a coerência entre uma determinada ilustração e um determinado texto significa avaliar em que medida a ilustração converge para os significados do texto, deles se desvia ou os contradiz.

No que se refere à coerência intersemiótica, a relação entre texto e ilustração realizada por Silvino e por Nelson Cruz poderiam ser classificadas como uma coerência de convergência, já que ambos optaram por ilustrar o episódio tratado pelo texto verbal respeitando sua sequência e conteúdo. Não se percebe desvio ou contradição.

Embora o ilustrador e o quadrinista tenham escolhido o mesmo tipo de coerência intersemiótica para a realização dos trabalhos de transposição literária, os efeitos provocados pelo estilo e pelo formato de livro ilustrado e de quadrinhos causaram impressões bem diferentes para o jovem leitor, que ao ser questionado sobre as ilustrações revela suas percepções.

O aluno de onze anos experimentou as duas leituras do mesmo texto ambas com estilos de ilustração e composição gráficas diferentes. Confirmou em entrevista a importância da imagem para a compreensão de um texto escrito em 1840. Também revelou seus gostos pessoais quanto ao estilo de ilustração de cada obra.

P - Ah, tem mais diálogos?

L - Sim, tem mais informações dá pra saber mais coisas. E com a ilustração que eu vi neste livro... lá no outro tinha uma expressão “um papagaio” mas aí eu vi aqui que era uma pipa. E eu achava que era um papagaio mesmo.

P - Você achava que era um papagaio voando?

L - É, porque no outro era a forma de um papagaio e estava escrito *papagaio* e aqui eu vi “um papagaio voando no céu”; era uma pipona vermelha.

P - Na verdade era um papagaio, porque, quando eu era criança, eu não falava pipa. Nós falávamos só *papagaio*, a palavra *pipa* não existia. E o Machado de Assis usava também papagaio. E eles mantiveram o texto. E a ilustração de lá não esclareceu isso pra você.

L - É, porque lá tinha a forma de um papagaio e eu assemelhei com um papagaio.

P - Ah, tinha forma de papagaio e aqui não.

L - E aqui não. Aqui é uma pipa, bem no comecinho.

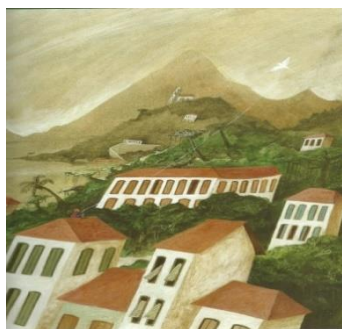


Ilustração Nelson Cruz, p. 9.



Ilustração Silvino, p. 15.

Algumas inferências na primeira leitura realizada – a do livro ilustrado – só foram aprofundadas ou refeitas com a segunda leitura, a dos quadrinhos. Hoje o termo papagaio está em desuso em algumas regiões do país para designar o referido brinquedo. A escolha estética de Nelson Cruz de ilustrar a pipa em formato de uma ave, o papagaio, indica possivelmente a palavra com a qual nomeava esse brinquedo popular durante sua infância. Torna-se evidente que o ilustrador não estava preocupado com a função descritiva que uma imagem poderia ter, mas com a função estética da linguagem visual, porque importa muito mais a sobreposição de pinceladas, a luz, o brilho, o enquadramento da pipa no cenário, do que propriamente introduzir

uma glosa para orientar o pequeno leitor. Embora apresentasse marcas efetivas de que se tratava de uma pipa, pois há uma linha na mão de uma criança sentada em um telhado que manipula e segura o brinquedo, a linguagem visual não foi suficiente para que o jovem leitor interpretasse esses indícios. Além de *papagaio*, muitas outras palavras em desuso no século XXI foram ressaltadas no momento da entrevista.

A criança consegue perceber as diferenças entre um trabalho e outro ao apontar a apresentação da linguagem visual dos quadrinhos subordinada à linearidade das ações presentes na narrativa. Além disso, os personagens são sempre retratados com perfeita semelhança, traço inexistente nas ilustrações de Nelson Cruz, sempre variadas. Vale ressaltar que os objetivos são diferentes quanto à construção do texto e da imagem, considerados os suportes em que são apresentados. Os quadrinhos devem representar o andamento de todas as ações, entretanto, esta característica não simplifica o entendimento do texto gráfico, mas ao contrário, sua natureza intertextual estimula a leitura de outras linguagens. O fato de os quadrinhos “*mostrar tudo o que tá acontecendo em todo momento*” (fala da criança) não fornece ao leitor as condições para um diálogo mais profundo com o texto, porque retira do cenário o esforço pessoal da criança em estabelecer os nexos entre as informações que têm diante dos olhos e as que foram já por ela apropriadas. Este tipo de livro não limita a leitura dos cânones, como foi muito discutido no passado, quando se confundia que a integração entre imagem e texto traria superficialidade e desestimularia a leitura de livros considerados sérios, ou seja, aqueles que apresentavam apenas o texto.

P - O Silvino mostra o professor de outra maneira. E o que você achou em relação à imagem do professor? Qual a diferença? (Silêncio)

L - No outro livro, o professor tem cara de mais malvado, uma pessoa mais brava. Aqui ele já é mais normal, tem cara de ser mais calmo. Porque no outro, ele tem um olho arregalado, uma boca toda cheia de dentes afiados, nesse aqui é mais realidade. Na hora que ele vai brigar com o Raimundo e com o Pilar, ele só grita, mas ele não faz aquele dedo, os olhos, olha aqui ó (mostra).

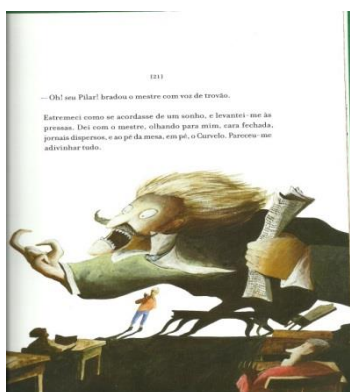


Ilustração Nelson Cruz, p. 21.



Ilustração Silvino, p. 31.

O jovem leitor gosta de sentir emoções fortes, de ser tocado por apreciações estéticas de grande poder gerador de sentimentos e emoções diversas. A ilustração que o aproxima mais de seu cotidiano não o faz sentir medo e pensar em seres fantasiosos como monstros, bruxas e vampiros. Talvez seja esse o motivo que leva nosso pequeno leitor a eleger a ilustração de Nelson Cruz como a que gostaria de ter em sua biblioteca particular.

P - Você achou que o Silvino é melhor que o Nelson Cruz, ou são traços diferentes?

L - São traços diferentes. É porque esse aqui tem que manter os mesmos traços, são vários desenhos em uma página, então tem que fazer tudo igualzinho, tudo mais realista. O outro, ele pode ser mais... ele pode fazer os personagens do jeito dele, porque aqui ele pode fazer do jeito que ele quiser. E aqui se ele começou vai ter que seguir o outro.

P - Se fosse pra comprar o livro e tua mãe dissesse “tem esse e esse aqui”, e você pudesse escolher só um na livraria, qual você escolheria?

L - Se fosse pra diversão, eu compraria esse (mostra os quadrinhos), mas se fosse pra ser mais complexo e a imagem ter tudo a ver com o texto eu escolheria aquele.

A arte não toca todos os indivíduos da mesma maneira. Os aspectos cultural, social e histórico que os constituem guiam seu percurso na experimentação de um livro ilustrado ou de um em quadrinhos.

### Conclusão

Foi possível verificar nas palavras ditas de uma criança, as inquietações que ela vivenciou ao ler o texto e interpretar as imagens. As sensações vividas pela literatura possibilitam experiências sensíveis, as quais jamais poderiam ser vivenciadas sem que com ela o leitor estabelecesse diálogos múltiplos.

Entre as questões fundamentais, foi possível constatar que a criança se identificou com o texto *Conto de escola*, pois corresponde aos temas atuais de sua vida. Ela atribuiu sentidos às palavras desconhecidas por meio do contexto, e, dessa maneira, usou a linguagem visual para confirmar as hipóteses levantadas durante a leitura do texto. O que não estava dito explicitamente em palavras aparece na ilustração e auxilia a construção dos conceitos de termos desconhecidos, como foi o caso das palavras *papagaio/pipa*.

A escolha do *design* gráfico - relação texto e imagem - modifica o texto, porque, embora sejam as palavras as mesmas, não é o mesmo o espaço gráfico que elas ocupam, criando, por meio dessa composição, uma nova obra.

### Referências

ASSIS, M. **Várias Histórias**. Disponível em: <[http://www.machadodeassis.net/hiperTx\\_romances/obras/variashistorias.htm](http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/variashistorias.htm)>. Acesso em: 22 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. **Conto de escola**. Adaptado por Silvino. São Paulo: Peirópolis, 2010. (Coleção Clássicos em HQ).

\_\_\_\_\_. **Conto de escola**. Ilustrações Nelson Cruz. São Paulo: Cosac Naify, 2002. (Coleção Dedinho de prosa).

BORGES, R. F. (Org.). **Clássicos em HQ**. São Paulo: Peirópolis, 2013.

CAMARGO, L. **A relação entre imagem e texto na ilustração de poesia infantil**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/poesiainfantilport.htm>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. **A ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.